

## II. Os Documentos e a cultura de sua época

### II.2 O português escrito na época medieval

#### II.2.2 Documentos da lírica galego-portuguesa (i)

##### *Bibliografia Específica*

- 📖 CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006. [Capítulo III: Português Antigo]
- 📖 CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [Capítulos 1 a 6]
- 📖 LAGARES DIEZ, Xoán Carlos. Sobre a noção de Galego-Português. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Patrimônio cultural e latinidade, no 35, p. 61-82, 2008.
- 📖 TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 2: O Galego-português]
- 📖 SPAGGIARI, Barbara & PERUGI, Maurizio. Fundamentos da Crítica Textual. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. [Segunda Parte, páginas 233 a 253]

##### *Materiais de apoio para esta aula*

- Fichas: Ciclos do Português; Apontamentos de Fonética Histórica
- Reproduções dos manuscritos (Martin Codax)
- Edição crítica (B. Spaggiari)

#### 1. A noção de "galego-português"

"A construção das línguas nacionais opera uma simplificação da realidade lingüística e cultural. Nas histórias do português, percebe-se a projeção sobre o passado de uma idéia moderna de língua, com o objetivo de delimitar seu nascimento dentro das fronteiras territoriais do Estado de Portugal. A noção de galego-português, no entanto, permite estudar a variação lingüística no português de um modo mais abrangente, considerando variedades históricas de um tronco comum" (Lagares, 2006:61)

#### 2. Formação da língua portuguesa e a expansão do território nacional

- Para Ivo Castro (Castro, 2004), a história da língua portuguesa se define pelos sucessivos ciclos de expansão que refletem “*a história da ocupação do território, a formação do estado e os grandes movimentos da nação*”:

“O primeiro movimento a considerar pode ser apresentado como uma **transplantação inicial da língua**, que parte de sua área inicial na Galecia Magna para se derramar pelo resto do território europeu, onde se sobrepõe ao árabe que as populações reconquistadas falavam. O segundo movimento, igualmente para o sul, consiste em um salto para fora da Europa. Com as Descobertas, a língua instala-se em ilhas atlânticas desabitadas, nos litorais africano e asiático que ofereciam suporte às rotas marítimas, e ainda no litoral brasileiro.”

(...)

“Estes dois movimentos sucessivos de crescimento da língua portuguesa permitem-nos reconhecer a presença e a ação de dois ciclos evolutivos, separados por uma cesura no séc. XV:

(a) o ciclo da Formação da Língua, que decorre entre os sécs. IX e XV na esteira da Reconquista do território dos árabes; os povos do norte transplantaram a sua língua para o sul, onde ela se transformou pelo contacto com a língua local e ganhou, a partir do séc. XV, ascendente sobre os dialectos do norte, tornando-se base de uma norma culta de características meridionais, que seria vista como a língua nacional;

(b) o segundo ciclo é o da Expansão da Língua: o período do séc. XV a inícios do séc. XVI é aquele em que a língua mais radicalmente se transfigura. Enquanto se reestruturava e

consolidava dentro de portas, a língua portuguesa começa a expandir-se para fora da Europa, pelo que, a partir de então, é preciso distinguir entre português europeu e português extra-europeu". (Castro, 2004:84-85).

## 2.1 O primeiro ciclo de expansão: transplantação inicial da língua

### 2.1.1 "Formação de um espaço nacional para a língua portuguesa" (Castro 2006:68-81)

[*lembrando a aula 4:*]

- Os romances ibéricos: a fronteira norte/sul e a fronteira ocidente/oriente
- O ocidente setentrional: a área do galego-português
- O oriente meridional: o romance moçárabe
- A importância da reconquista

"O ciclo da Formação desenrola-se a partir da introdução de algumas mudanças muito extensas na língua falada no território inicial da Galécia Magna, língua que, entre os sécs. V-VII, era ainda uma variedade de latim oral. Simplificando, diremos que duas consoantes muito frequentes iniciam um processo de apagamento quando se encontram em posição intervocálica, o que teve como consequência que todas as palavras que as possuíam mudaram drasticamente de aspecto sonoro." (...) "Estes dois fenómenos semelhantes produziram-se apenas na Galécia Magna e afectaram o latim aí falado, que passou assim a distinguir-se tanto do latim falado no centro da Península, que daria origem ao castelhano e ao leonês, como do latim falado a sul, na Lusitânia. Essa diferença entre a língua da Galécia Magna e as suas vizinhas mais chegadas talvez tenham sido o acto de nascimento da nossa língua, a que, por respeito pela área em que ocorreu, se pode chamar **galego-português**". (...)

"Discute-se se o galego e o português fizeram caminho juntos durante muito ou pouco tempo. (...) Como seria na Idade Média? Os trovadores - galegos, portugueses e castelhanos - escreviam todos na mesma língua, mas era uma língua artificial e não necessariamente a língua que cada um falava. Nessa língua literária, (...), não se observam traços que apontem para uma separação regional, mas dificilmente os poetas, ao falar, usariam dessa língua unificada. Pode ser que o galego e o português já estivessem a se separar".

De qualquer forma, a sua separação definitiva ocorreu no final do ciclo em exame, através de um episódio intercalar de elaboração da língua, processo coincidente e decerto relacionado com as grandes alterações sociais e políticas já referidas. (...)

Enquanto o centro-sul se torna cada vez mais influente, o norte de Portugal perde o estatuto de berço do reino e passa a ser visto como uma província distante. E a Galiza, com a qual tem as maiores afinidades, torna-se ainda mais distante. As transformações que o português então sofre afastam-no da matriz medieval galego-portuguesa (...). Na soma dessas mudanças reconhece-se um processo de elaboração linguística, um acto de recusa das origens com o qual a língua portuguesa atinge o fim do seu período de formação e de crescimento, que precede um pouco o final da Idade Média". (Castro 2004:86-87)

### 2.1.2. Aspectos fundamentais da fonologia do Português Arcaico: a dança das sibilantes

*Áreas dialetais do português: de norte a sul, cf. Castro 2004, Lindley Cintra 1971*

1) Dialectos galegos: sibilantes, palatais e africadas

/s/	-	passo: pa[s]o
/s/ apical ~ /θ/		rosa: ro[s]a (apical)
		caça: ca[θ]a
		fazer: fa[θ]er
/ʃ/	-	enxada: en[ʃ]ada
/tʃ/		hoje: ho[tʃ]e
		chuva: [tʃ]uva

2) Dialectos portuguesas do norte: sibilantes, palatais e africadas

/s/	/z/	passo: pa[s]o	rosa: ro[z]a,
/s/ apical	/z/ apical	caça: ca[s]a (apical)	
/ʃ/	/ʒ/	enxada: en[ʃ]ada	hoje: ho[ʒ]e
/tʃ/		chuva: [tʃ]uva	

3) Dialectos portugueses do sul: sibilantes e palatais

/s/	/z/	passo: pa[s]o	rosa: ro[z]a
		caça: ca[s]a	casa: ca[z]a
/ʃ/	/ʒ/	enxada: en[ʃ]ada	hoje: ho[ʒ]e
-		chuva: [ʃ]uva	

"O latim depositou no galego-português, em todo território, uma distinção entre as sibilantes provenientes do s latino, consoante que era apenas surda mas que, na evolução posterior do latim falado, se desdobrou numa correspondente sonora, igualmente grafada com s, mas que corresponde ao fonema /z/ quando se encontra em posição intervocálica. Este par, de /s/ surdo e /z/ sonoro, era articulado durante o português medieval como fricativo ápico-alveolar, possivelmente pouco palatalizado. Por outro lado, no português medieval havia um par de consoantes derivadas de vários sons latinos, mas principalmente do c, pronunciado /k/. Esta consoante, quando seguida de vogal palatal [e] ou [i], transformara-se numa africada palatal [tʃ], (...), a qual despalatalizou para uma africada predorso-dental [ts], por sua vez desdobrada numa correspondente sonora [dz]. No português medieval, este par [ts]/[dz], que correspondia às grafias c e z, com a variante ç para as surdas, sofreu um desfricamento (com perda do elemento oclusivo), e ficou-se no par de fricativas predorso-dentais /s/ e /z/, fonologicamente distintas das ápico-alveolares (...). Assim, era muito fácil distinguir pela pronúncia e pela escrita as palavras servo (criado) e coser (costurar) de ceruo (veado) e cozer (cozinhar). Enquanto as primeiras tinham pronúncia apical, as sibilantes de ceruo e cozer eram predorsais. Foi nos dialectos do sul de Portugal que teve início uma transformação, durante a Idade Média, conhecida com o nome de sesseio. O sesseio consiste na confusão entre as sibilantes apicais e predorsais, seguida da transformação das apicais em predorsais, ou, dito de outra maneira, o desaparecimento das apicais, passando as palavras que continham sibilantes apicais a serem produzidas com consoantes predorso-dentais. O sesseio generalizou-se no sul de Portugal e foi acolhido no Português padrão". (Castro 2004:28-29)

cf. *Fichas: Apontamentos de fonética histórica e Ciclos do Português*

**3. Documentos da poesia trovadoresca**

(Leitura para a aula 7)

cf. também: [http://www.letrasgalegas.org/bib\\_autor/codax/](http://www.letrasgalegas.org/bib_autor/codax/)